

Gaydárpio: Estigmatização de Corpos no Aplicativo Grindr¹

Vinícius de Paiva COSTA²

João Lúcio Mariano CRUZ³

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

RESUMO

Este artigo objetiva discutir como as relações afetivo-sexuais experienciadas por meio do aplicativo de relacionamentos Grindr podem ser pensadas como construções sociais, além de apresentar indícios de como a cultura, por meio de padrões estéticos e comportamentais, privilegia determinados corpos e marginaliza outros. Apresenta-se o Grindr como espaço “gendrado”. Discorre-se sobre como a aprendizagem social e as práticas culturais operam no comportamento afetivo-sexual, relacionando Corpo e Sexualidades. Utiliza-se a Análise de Conteúdo de 15 perfis de usuários do Grindr. As considerações iniciais apontam que as escolhas afetivo-sexuais são socialmente construídas, e que estão relacionadas à perpetuação de preconceitos.

PALAVRAS-CHAVE: grindr; relacionamentos; preconceitos; corpo; sexualidades.

INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, aplicativos de relacionamentos se tornaram lugares de busca por amizades, sexo ou algum afeto mais duradouro. Alguns destes espaços virtuais foram criados para alcançar públicos determinados. É o caso do Grindr, voltado especialmente para homens gays. A partir da tela de um *smartphone*, milhares de homens gays conseguem se conectar ao aplicativo e perceber outros homens gays que estão a sua volta por meio de um dispositivo de geolocalização, que encontra automaticamente a posição geográfica do usuário e o mostra outros usuários que estão próximos, bem como o localiza para estes outros usuários.

¹ Trabalho apresentado na DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 13 a 15 de junho de 2018.

² Graduando em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás, e-mail: costaviniciusp@outlook.com

³ Mestrando da linha de pesquisa em Mídia e Cidadania do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Informação e Comunicação da UFG, e-mail: joaolmcruz@gmail.com

Desse modo, uma complexa rede de usuários se forma, a partir da proximidade geográfica. Como a criação de um perfil permite que o usuário adicione uma fotografia para se identificar, alguns desfrutadores do aplicativo utilizam deste espaço para exibirem seus rostos, enquanto outros revelam partes de seus corpos que julgam interessante (como os braços, as costas, a barriga) para que possam chamar a atenção de outros usuários. Outros vão além, e deixam expostas as cuecas marcadas pelos seus órgãos ou por suas nádegas, mas o aplicativo não permite nudez em sua totalidade. Porém aqui, pode-se perguntar qual usuário do aplicativo nunca recebeu a foto de pênis no lugar de um "oi"?

Além da foto do perfil, os usuários também têm a opção de preencher informações relacionadas à características como altura, peso, etnia, identidade de gênero e informações a respeito da sua condição sorológica. Conjuntamente, usuários que se relacionam podem colocar a sua situação amorosa e declarar o que buscam no aplicativo. Em complemento, os usuários também podem criar uma *bio*⁴ para acrescentar outras informações que acharem necessário.

A partir da exposição de seus corpos e comportamentos, forma-se uma rede de possibilidades de escolhas estéticas, similar a um catálogo, que este ensaio está chamando de “gaydárpio”, com hierarquizações corporais e comportamentais. No gaydárpio estão pessoas reduzidas à apresentação corporal e performativa, para se auto-promover na rede social. Lá estão corpos magros, gordos, pretos, brancos, musculosos, franzinos, “afeminados”, “masculinizados”, entre outras possibilidades, em busca de promoção social, o próprio ser enquanto mercadoria, tal qual Bauman (2008, p. 13) apresenta que, na modernidade líquida, as pessoas:

São aliciadas, estimuladas ou forçadas a promover uma mercadoria atraente e desejável. Para tanto, fazem o máximo possível e usam os melhores recursos que têm à disposição para aumentar o valor de mercado dos produtos que estão vendendo. E os produtos que são encorajadas a colocar no mercado, promover e vender são elas mesmas.

⁴ A *bio* do Grindr é um espaço disponibilizado dentro do aplicativo para que o usuário possa discorrer mais sobre ele a partir de um campo de preenchimento de 255 caracteres.

Dessa forma, os usuários se utilizam de posições econômicas, fenotípicas e comportamentos sexuais para ampliar as chances de poder escolher parceiros ou poder ser escolhido. Este estudo observou que há um estímulo, portanto, a mecanismos hegemônicos nas relações de poder dentro do Grindr, ainda que em um ambiente experienciado por pessoas subalternizadas em relação à sexualidade. A partir das informações que os usuários expõem no aplicativo, iniciam-se, por exemplo, *apartheids* raciais arquitetados pelo “procuro caras brancos”; e machismos, a partir do preconceito com corpos lidos como afeminados, embaladas pelo “não sou e nem curto afeminados”.

Estes preconceitos, muitas vezes, estão sustentados pelo argumento: “é questão de gosto”. Interessa para este estudo observar o que os usuários classificam como “gostos” ou “preferências”, e suas relações com processos de aprendizagem e práticas culturais que os tornam construídos socialmente e ligados às relações de poder. Para Guacira Lopes Louro (2010, p. 11):

Os corpos ganham sentido socialmente. A inscrição dos gêneros - feminino ou masculino - nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura. As possibilidades da sexualidade - das formas de expressar os desejos e prazeres - também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas. As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade.

Neste sentido, parte-se da ideia de que as formas de expressão dos desejos e prazeres dos corpos estão em conexão com construções simbólicas históricas. Por isso, inicia-se, adiante, uma discussão sobre as noções de gênero, corpo e sexualidades de que este ensaio trata.

O GRINDR COMO ESPAÇO “GENDRADO”

Este ensaio utiliza a expressão “gendrado” nos termos definidos por Teresa de Lauretis (1994) para se referir aos espaços marcados por especificidades de gênero, num sentido de gênero que vai além da diferença sexual. “A construção do gênero ocorre hoje através das várias tecnologias do gênero (p. ex., o cinema) e discursos

institucionais (p. ex., a teoria) com poder de controlar o campo do significado social e assim produzir, promover e ‘implantar’ representações de gênero” (LAURETIS, 1994, p. 228)

Lauretis (1994, p. 237) apresenta que o sistema sexo-gênero nas sociedades ocidentais é retroalimentado por diversos mecanismos sociais, que definem, inclusive, os diferentes *locus* das sexualidades hegemônicas e das não-hegemônicas, criando espaços “gêndrados”, por meio da “tecnologia do gênero”. Partindo desta ideia, este estudo localiza o Grindr como um espaço “gêndrado”, na medida em que se configura, dentro do sistema sexo-gênero, como um ambiente virtual para sexualidades abjetas, não heteronormativas. Trata-se de um espaço “tanto social quanto discursivo”, “construído nas margens do discurso hegemônico” como uma “nova forma de comunidade”.

Segundo Alencar (2017, p. 56), o Grindr foi criado pelo israelense Joel Simkhai no ano de 2009 e se tornou o primeiro aplicativo para *smartphones* de sucesso entre homens que desejam sexo com outros homens. A ideia do aplicativo teve como base encontrar uma solução simples para um problema complicado para muitos homens gays: reconhecer outro gay e tentar alguma relação com ele. Dentro do sistema sexo-gênero, as dificuldades impostas pelas normas sexuais geram condições para o surgimento de espaços “gêndrados”.

A popularização dos *smartphones* e a possibilidade de se conectar à *internet* a qualquer momento por uma rede móvel ou por uma conexão *wifi*, favorece o crescimento de ambientes virtuais para contatos sociais. Essas experiências de sociabilidade podem ser mediadas por aplicativos de relacionamento, como o Grindr, que, no entanto, na hipótese deste estudo, surge para atender a uma demanda específica ocasionada pela marginalização imposta à sexualidade de determinados corpos. O aplicativo facilita o encontro de dois homens que podem ser presos em países onde ser gay é crime (que, na lei, não é o caso do Brasil) ou permite que outros usuários ainda não assumidos perante a sociedade possam compartilhar suas experiências.

Em 2016, a empresa chinesa *Kulun Tech* comprou⁵ a participação majoritária do Grindr, que, na ocasião, estava presente em 196 países e contava com 3,6 milhões de usuários em todo o mundo. Em 2018, o Grindr gerou polêmica ao ser denunciado por uma ONG norueguesa⁶ por compartilhar os dados de seus usuários com empresas, inclusive o *status* de HIV. Este episódio retoma à estigmatização de corpos de homens gays em relação ao debate sobre HIV e AIDS ao expor, sem o consentimento explícito do usuário⁷, para fora do ambiente de sociabilidade escolhido, sua condição sorológica com empresas. É a partir desta discussão sobre HIV e AIDS que este estudo busca, para este momento, uma metáfora para relacionar corpo e sexualidades.

POLÍTICAS DO CORPO E SEXUALIDADES

Muitas pessoas e não apenas na imprensa sensacionalista apresentavam a AIDS como um efeito necessário do excesso sexual, como se os limites do corpo tivessem sido testados e não tivessem passado no teste da ‘perversidade sexual’. De acordo com os mais óbvios comentaristas, era a vingança da natureza contra aqueles que transgrediam seus limites. (WEEKS, 2007, p. 37).

Jeffrey Weeks (2007), inicia o ensaio intitulado “O Corpo e a Sexualidade” utilizando esta metáfora da AIDS para falar sobre nossa cultura sexual. Deste excerto, para além da crítica contundente do autor relativa aos preconceitos dirigidos contra pessoas soropositivas, com mais força na década de 1980, interessa mais aqui pensar na relação de oposição entre natureza e cultura presente nos discursos contrários às sexualidades “desviadas”.

Weeks (2007) enxerga a sexualidade como um fenômeno social e histórico. Para ele, é preciso historicizar o corpo, e compreender as dinâmicas de aprendizagem

⁵ Grupo chinês compra aplicativo de relacionamentos gay. Notícia disponível em: <<https://exame.abril.com.br/negocios/grupo-chines-compra-aplicativo-de-relacionamentos-gay-grindr/>>. Acesso em: 03 maio 2018.

⁶ App de relacionamento gay Grindr compartilhou status de HIV de usuário com outras empresas. Notícia disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibriosaude/2018/04/app-de-relacionamento-gay-grindr-compartilhou-status-de-hiv-de-usuarios-com-outras-empresas.shtml>>. Acesso em : 03 maio 2018.

⁷ As cláusulas de adesão ao aplicativo são genéricas.

social, enquanto práticas culturais que operam no comportamento afetivo-sexual. Desse modo, normas sexuais são forjadas por estruturas sociais e tecnologias discursivas, que estabelecem o que é “o normal” e o que é “o anormal”.

Esta invenção do corpo, a partir de tecnologias discursivas como a científica, também é levantada por Berenice Bento (2006), que questiona os processos históricos de patologização dos gêneros e das sexualidades: “A linguagem científica é uma das mais refinadas tecnologias de produção de corpos-sexuados, à medida que realiza o ato de nomear, de batizar, de dar vida, como se estivesse realizando uma tarefa descritiva, neutra, naturalizando-se.” (BENTO, 2006, p. 136).

Cabe aqui, portanto, um diálogo com Guacira Lopes Louro (2007), que busca entender as condições sociais que definem a heterossexualidade como “norma hegemônica” e as outras sexualidades como “desviantes” desta norma.

A heterossexualidade é concebida como ‘natural’ e também como universal e normal. Aparentemente supõe-se que todos os sujeitos tenham uma inclinação inata para eleger como objeto de seu desejo, como parceiro de seus afetos e de seus jogos sexuais alguém do sexo oposto. Consequentemente, as outras formas de sexualidade são constituídas como antinaturais, peculiares e anormais. É curioso observar, no entanto, o quanto essa inclinação, tida como inata e natural, é alvo da mais meticulosa, continuada e intensa vigilância, bem como do mais diligente investimento. (LOURO, 2010, p. 17)

Desse modo, a heteronormatividade, enquanto produto histórico, enraiza-se no imaginário social como o comportamento normativo para se relacionar afetiva e sexualmente com outra pessoa, sendo esta do sexo oposto. Portanto, qualquer comportamento sexual ou afetivo que fuja a esse padrão é considerado desviante ou fora da normalidade.

Britzman (1996) afirma, também, que quando se trata de questões de desejo e amor, os sujeitos são capazes de surpreender ao criarem outras formas de sociabilidade. Este estudo coaduna com esta visão e considera o Grindr como um espaço “gendrado” e uma plataforma para experiências assentadas em formas de relacionamento afetivo-sexual não normativas.

Em contraponto, estes corpos desviantes da heteronormatividade não compõem um grupo coeso ou universal. Ao contrário, são plurais e diversos, inscritos por

diferentes marcadores sociais como classe, raça, idade e sexualidade. Nesse sentido, são corpos sujeitos a outras disputas sociais normativas, por vezes as mesmas. O Grindr parece fornecer condições para uma análise inicial, da *bios* de 15 perfis de usuários, sobre estas disputas relacionadas à estigmatização de corpos e perpetuação de preconceitos normativos. Por isso, apresenta-se a seguir o curso metodológico percorrido neste ensaio.

PERCURSO METODOLÓGICO

Para avançar na compreensão de como informações fornecidas por 15 usuários do Grindr, nas *bios* de seus perfis, contribuem com a estigmatização de corpos e propagação de preconceitos, optou-se pela Análise de Conteúdo. Na perspectiva de Bardin (1977) trata-se de uma metodologia que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos que descrevem conteúdos de mensagens para obter indicadores de cunho quantitativo ou não. Assim sendo, foi analisado a frequência com que surgem determinadas categorias nos conteúdos analisados.

Para o entendimento dos dados, foram realizadas duas etapas, as quais serão discorridas a seguir. Na primeira etapa, de pré-análise e exploração do material, fez-se o exercício de reunir todas as informações com o objetivo de sistematizar as ideias iniciais, o que permitiu uma visão dinâmica acerca das informações para, deste modo, desenvolver as operações sucessivas da análise.

As verificações aconteceram com as *bios* de quinze perfis que estiveram *online* na noite do dia 05 de maio de 2018, na cidade de Goiânia, Goiás, Brasil. Todos estavam próximos a um dos autores deste trabalho, conforme a localização geográfica captada pelo aplicativo, sendo este o critério de seleção do *corpus* de análise. Assim, foram coletados os dados da descrição das *bios* dos primeiros quinze usuários, selecionados pela proximidade geográfica.

Desse modo, todos os perfis obedeceram uma regra de pertinência, pois, conforme propõe Bardin (1977, p. 98), “os documentos retidos devem ser adequados enquanto fonte de informação, de modo a corresponderem ao objetivo que suscita a

análise”. Por isso, foram investigadas as informações preenchidas na *bios* de cada perfil que remetesse à uma das categorias propostas.

A partir das pré-análises devidamente concluídas, os dados foram sistematizados e categorizados. Após este passo, deu-se o início a segunda etapa do estudo, onde apresentam-se os dados obtidos e debate-se a busca pelo perfil ideal no Grindr, com suas consequências, tais como a reprodução de preconceitos normativos. Ou seja, realizou-se o processo de entendimento dos dados a partir da análise das categorias, gerando os resultados obtidos.

APRESENTAÇÃO DE DADOS

A partir das informações partilhadas pelos usuários selecionados, em suas *bios*, marcadores sociais da diferença puderam ser notados. Os marcadores sociais da diferença são estudados pela ciências sociais e objetivam, primeiramente, explicar como as desigualdades foram construídas socialmente e como elas hierarquizam grupos e sujeitos. Mas, além disso, o campo estuda como essas diferenças estão interseccionadas, afinal, deve-se enxergar como essas desigualdades se articulam e afetam os sujeitos que podem carregar um ou mais marcadores sociais.

Ideias enraizadas culturalmente ou estruturadas de alguém em relação ao outro, seja pela sua etnia, orientação sexual, trejeitos corporais, classe social, porte físico entre outras características, fazem com que existam corpos privilegiados e corpos marginalizados. Esta relação de poder pode ser vista nitidamente nos perfis analisados pelo estudo, conforme as tabelas apresentadas a seguir, que foram organizadas a partir dos perfis analisados. A Tabela 1 apresenta os dados constantes das quinze *bios* selecionadas.

Tabela 1 – Descrições informadas nas *bios*

<i>Bios</i>	Descrição
B01	“Sou solteiro, branco, tatuado, marrento e priorizo amizades novas, caso seja MACHO, chama aí, sou passivo porém não sou e não curto afeminados. 1,80 de altura e 78kg. não procuro relacionamento, pois já tenho. hehe.”
B02	“Não curto cara afeminado, se for macho, a gnt troca ideia. Sou psv”
B03	“Sou homem sério, sigiloso comum e simples, adepto de preliminares. Tenho 39 anos moreno claro 1.72 88kg quase liso, curto homens e não curto afeminados”
B04	“Sou 100% ATVI e BI. Puxou papo envie foto. Não curto afeminado. Não frequento lugares gls”
B05	“Macho discretão, boa pinta, mas gordinho! Sou dotado, interesse em semelhantes! Não mando nuds”
B06	“Ativo fudedor sem frescura, puchou assunto já mande foto, vamos agilizar as coisas!! Passivos negros pauzudos já tem um ponto comigo”
B07	“Sou gordinho, mas me garanto. Não sou nem um príncipe encantado mais me garanto esses cara muito cheio de cu doce na hora h não dá conta de porra nenhuma então se quiser uma foda caprichada to aqui se não vá a merda”
B08	“De boa em busca de algo momentâneo. Não me atraem os mais gordos e nem os muito mais velhos”
B09	“Sou bruto com passivos. Quero meter até cansar efazer gemer, Meter bem fundo mesmo. Quer?”
B10	“Baixo, 30 anos, malho, corpo magro definido. Gosto de homem. Não sou afeminado e não curto afeminado”
B11	“Cuido da mente e do corpo, gosto de semelhantes. Frequento academia, malho e corro. Não curto gordinhos nem afeminados”
B12	“Ativo 101%, 19 cm, Grosso, KBçudo e babão. Moro só. Curto branquinhos e mais novos. Curto fuder um rabo sem dó. Fetiche em filmar a foda”
B13	“Baixinho leitador. Gosto de soltar muito leite na boca do bezerrão mamador. Estou a procura de um parceiro obediente, pois sou meio nervoso. Ñ curto afeminado, baixinho, gordinho e novinho.”
B14	“Se você puxar papo e não mandar foto de rosto sem óculo, não responder. Sou ativo. Não curto afeminados, obesos, fumantes nem drogas. Prefiro homens a partir dos 23 anos. Sem local.”
B15	“Curto caras com jeito de homem, que sejam 100% ativos. Dotados e negros me atraem. Não curto mais velhos que eu. Sexo sem compromisso, sem complicações.”

Fonte: Dados extraídos das *bios* de 15 usuários do Grindr, em 05 de maio de 2018.

Este *corpus* foi, posteriormente, classificado a partir de quatro categorias: racismo; machismo; gordofobia e preconceito geracional. As categorizações foram realizadas tendo como referência as “preferências” sexuais indicadas pelos usuários.

Este levantamento mostrou que as bios aqui analisadas estão distribuídas conforme a Tabela 2.

Tabela 2 – Categorização Geral.

Categoria	Bios	Frequência
Racismo	B03;B06;B12;B15.	04
Machismo	B01;B02;B04;B05;B06;B07;B09; B10;B11;B12;B13;B14; B15.	13
Gordofobia	B05;B07;B08;B10;B11;B13;B14.	07
Preconceito geracional	B08;B12;B13;B15.	04

Fonte: Dados extraídos das bios de 15 usuários do Grindr, em 05 de maio de 2018.

Assim, classificamos as quinze bios selecionadas pelo conteúdo de suas descrições que remetesse à perpetuação de preconceitos ou estigmatização de corpos. Em relação à categoria “Racismo” observou-se 04 ocorrências de mensagens onde infere-se que houve discriminação por diferença étnico-racial. Aqui incluímos reforço de objetificação de corpos negros, enquanto pessoas reduzidas à performance sexual e à genitália (B6, B15); preferência por usuários brancos (B12); e expressão eufêmica em relação à cor de pele (B3).

Pelos dados da Tabela 2 observa-se que a categoria “Machismo” foi a que obteve maior frequência entre os usuários, estando presente em 13 das 15 bios analisadas. Por ela infere-se a perpetuação de comportamentos de reforço da virilidade em contraponto à negação de elementos culturalmente associados com o feminino.

A categoria “Gordofobia” foi a segunda mais frequente, tendo sido inferida em 07 das 15 bios. Aqui reuniu-se às menções expressas de preferência por usuários não-gordos. A quarta categoria refere-se ao “Preconceito geracional”, tendo tido 04 ocorrências. Classifica-se nesta categoria as menções expressas relativas à recusa por usuários mais velhos ou à preferência por usuários mais novos.

A BUSCA PELO PERFIL IDEAL

Após criarem seus respectivos perfis e adentrarem no aplicativo Grindr, os usuários encontram diferentes corpos, cada um com suas preferências afetivo-sexuais, mas todos expostos em uma plataforma que se assemelha à uma vitrine. Bauman (2008, p. 20) afirma que a característica mais proeminente da sociedade de consumidores é a transformação dos consumidores em mercadoria:

Na sociedade de consumidores ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria, e ninguém pode manter segura sua subjetividade sem reanimar, ressuscitar e recarregar perpétua as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria vendável.

Nesse sentido, a partir dos hábitos do aplicativo, pode-se verificar o reforço da construção de uma sociedade machista, patriarcal, racista e eurocêntrica, na qual o padrão de beleza se resume a um homem masculinizado, que tenha a pele branca, e de preferência, não seja de classe social baixa. No mesmo pacote, na outra ponta, sendo vítimas de fetichismo, tem-se os homens negros, que são procurados, na maioria dos casos, com a expectativa de que sejam fortes, viris ou que tenham um pênis grande e que sejam capazes de satisfazer todos os desejos do companheiro.

E os outros que não se encaixam no padrão de beleza ou não são fetichizados por sua etnia, também não deixam de ser vítimas de preconceito. Muito pelo contrário, são homens afeminados que não são desejados, devido a um padrão de masculinidade que eles não têm; são homens gordos que estão longe de terem a barriga tanquinho desejada; são os homens mais velhos, que segundo a sociedade não servem mais para o amor, então ou ficam excluídos de relacionamentos ou pagam para se sentirem desejáveis.

No contexto de um perfil criado a partir de um corpo ideal, ainda em entrevista à rádio SiriusXM, ao ser questionado sobre o fato do Grindr reduzir os usuários aos seus atributos físicos, o criador do aplicativo afirmou:

“Fantástico! Amo/sou. Totalmente. Cuido da aparência mesmo. Eu me orgulho muito do fato de que o Grindr nos força a nos aprimorarmos. A escovar os dentes. Pentear o cabelo. Comer direito. Ir malhar. Se tornar alguém saudável. Cortar o cigarro. Cortar o que faz mal e manter a melhor aparência possível. Nós somos homens. Nós somos visuais. Nós enxergamos antes de ouvir, antes de pensar, antes de fazer qualquer outra coisa. Nós

somos assim. Eu não mudei isso. A evolução nos ensinou a ser assim. Com certeza eu vou mais para a academia por causa do Grindr. Eu estou competindo com o cara no quadradinho ao lado naquela tela.”

Ao se analisar a seguinte afirmação: “o Grindr nos força a nos aprimorarmos”, percebe-se que o aplicativo é um reflexo do entendimento sobre o que é ser bonito e sobre quais condições os usuários precisam estar para serem parte da ditadura da beleza, o que evidencia a atmosfera narcisista que os usuários adentram quando acessam o aplicativo e como os padrões de beleza são exaltados. O que pode ser interpretado como: se você quer ser visto como alguém bonito, apenas se encaixe no padrão, o que está fora disso, talvez não seja tão bonito assim.

Segundo Slade (1994), a imagem corporal de cada indivíduo é a imagem do corpo construída na mente, levando em consideração os sentimentos, pensamentos e ações feitas em relação ao corpo. Mas a partir do momento que o sujeito não se encontra em harmonia com sua imagem corporal, isso se torna uma insatisfação que pode ser avaliada em cima da diferença da ideia de um corpo ideal em cima do corpo real do indivíduo. Essa influência de um corpo ideal pode surgir de diversos modos, sendo a mídia uma das tecnologias culturais de sua construção e de seu reforço, inclusive por meio do próprio Grindr.

Levados pela própria necessidade de se encaixarem em grupos, serem aceitos socialmente ou simplesmente receberem uma mensagem de outro usuário do aplicativo chamando para uma saída, vários indivíduos se forçam a modificar suas atitudes e seus hábitos alimentares, muitas vezes de maneira compulsória, o que pode desencadear uma série de fatores negativos à saúde. Como nem todas as pessoas conseguem chegar ao padrão imposto, muitas desenvolvem problemas de autoestima, sentimentos de depressão, anorexia, bulimia, entre outros.

Ou seja, esta busca desenfreada para corresponder ao ideal construído de beleza vai além de “preferências” inatas. Parte, antes, de um olhar socialmente construído, pelo qual grande parte da população sente-se aprisionada a se condicionar. No mundo da competição de corpos: “com certeza eu vou mais para a academia por causa do Grindr”, lembra-se a fala de Simkhai.

A mídia e o padrão de beleza dizem diariamente para determinados corpos que eles são gordos. Assim, muitas pessoas podem não se sentir bonitas, por não terem o que é chamado de um corpo sarado, o que pode gerar baixa autoestima ou a necessidade de reafirmação constante, como no exemplo abaixo:

“Sou gordinho, mas me garanto. Não sou nem um príncipe encantado mais me garanto esses cara muito cheio de cu doce na hora h não dá conta de porra nenhuma então se quiser uma foda caprichada to aqui se não vá a merda”. (B7, 2018).

Ao participar do Festival da Mulher Afro-Latino-Americana e Caribenha - Latinidades⁸, em 2015, a professora negra Yaba Blay afirmou que a beleza é algo construído socialmente, que gera uma série de privilégios para quem se encaixa no padrão determinado. “No contexto da supremacia branca, vemos que o poder funciona como hierarquia, onde o branco está no topo, associado ao belo, e a negritude, na base, associada ao que é bárbaro, negativo e feio”, afirmou em sua participação durante o evento, que teve sua cobertura feita pelo portal Geledés⁹.

Além do racismo observado nesta análise inicial, justificado por falas como “procuro caras brancos” e “negros não me atraem” que podem ser encontradas nas *bios* do aplicativo, homens gays que também não seguem a lógica binária do comportamento normativo - na qual homens precisam ser masculinizados e mulheres feminizadas - também sofrem exclusão dentro do aplicativo, o corriqueiro “não sou e não curto afeminados”.

A estigmatização presente sobre corpos masculinos que são afeminados e o estranhamento por parte da sociedade sobre determinados comportamentos e trejeitos fazem com que gays afeminados não sejam vistos como homens dignos de tesão, muito menos digno de amor por parte de outros homens que se consideram másculos e detentores da beleza e dos olhares, afinal, “ser gay até que tudo bem, o problema mesmo é ser afeminado”. *Viados, viadinhos, bichas, bichinhas, mulherzinhas, efeminados, afeminados, afetados, boiolas, vira-folhas* entre outras expressões, referem-se aos

⁸ O Festival Latinidades é o maior evento latinoamericano de mulheres negras. Com caráter cultural e formativo, o projeto debate questões de igualdade racial. Site para acesso: <https://www.latinidades.com>.

⁹ O Geledés é uma organização sem fins lucrativos que se posiciona em favor de mulheres e homens negros ao discutir o racismo e o sexismo presente na sociedade. Site para acesso: <https://www.geledes.org.br/>

corpos que, diariamente, saem de casa sem saber se voltarão. Corpos que saem de casa com a possibilidade de sofrer qualquer tipo de violência gratuita simplesmente por existirem. Corpos que incomodam a heteronormatividade, que batem de frente diariamente com o patriarcado, e que são os maiores responsáveis pelas conquistas e direitos que as pessoas LGBTQs possuem hoje em dia.

CONSIDERAÇÕES

Em meio aos afetos e aos desafetos, gays afeminados, gordos, negros ou deficientes físicos constroem seus relacionamentos como podem, sob violência das normatizações históricas. São corpos marginalizados, menos preferidos pelos usuários nos aplicativos porque existem padrões machistas, racistas, gordofóbicos e etaristas criados e mantidos socialmente.

No entanto, as raízes dessas estruturas simbólicas marginalizadoras são antigas e profundas, alcançando toda a sociedade, inclusive suas vítimas. Este breve ensaio procurou realizar uma pequena observação sobre como os preconceitos são socialmente construídos e os corpos são marcados por estigmas históricos.

Lugares “gendrados” como o Grindr, criados a partir da própria marginalização imposta a determinados corpos, não são redomas livres de opressão porque estão assentados nas mesmas bases que construíram esta sociedade. Fechamos com a reflexão de que se as escolhas são mesmo questão de gosto, preferências inatas, como afirma o discurso hegemônico, talvez seja hora de mudar o cardápio.

BIBLIOGRAFIA

ALENCAR, V. L. O. **Aplicativos de encontros gays**: traços identitários de seus usuários em Belo Horizonte. 2017. 130 f. (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

BARDIN, L.. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAUMAN, Z. **Vidas para consumo**: a transformação das pessoas em mercadorias. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BENTO, B. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BRITZMAN, D. P. O que é esta coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo. **Educação & Realidade**, 21(1): 71-96, jan/jun, 1996.

GELEDES. [Organização Política] **Coisa de Gênero**. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/latinidades-padrao-de-beleza-e-predominantemente-branco-diz-professora-dos-eua/>>. Acesso em: 14 dez. 2017.

LAURETIS, T. de. A Tecnologia do Gênero. In: HOLLANDA, H. B. de. **Tendências e impasses**: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LOURO, L. G. Pedagogias da Sexualidade. In: _____. **O Corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

SANDERS, G. L. O amor que ousa declarar seu nome: do segredo à revelação nas afiliações de gays e lésbicas. In: IMBERBLACK, E. **Os segredos na família e na terapia familiar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

SLADE, P. D. What is body image? In Behavioral Research Therapy. **ScienceDirect.com**, 497-502, 1994

WEEKS, J. O Corpo e a Sexualidade. In: LOURO, G. (Org.). **O Corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007.